

A filosofia na UDV: Imaginários do Panenteísmo, Hermetismo e Hermenêutica

Philosophy in the UDV: Imaginaries of Panentheism, Hermeticism and Hermeneutics

Gabriel Kafure da ROCHA

Doutor em Filosofia pela UFRN. Docente Permanente dos Mestrados PPGFIL UECE e do PROF-FILO IFSertãoPE. Bolsista Produtividade FACEPE/SECTI.

E-mail: Gabriel.rocha@ifsertaope.edu.br

Bruno Freitas SANTOS

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo ProfEPT IFSertãoPE

E-mail: brunofreitas2017@outlook.com.br

RESUMO:

Religiões ayahuasqueiras como o Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal são consideradas legitimamente brasileiras porque sincretizam elementos cristãos, espíritas e afrodescendentes. Pretendemos estabelecer uma reflexão que se inicia por uma cosmologia udvista, perpassa por elementos éticos, epistemológicos e chegam a uma filosofia da linguagem com fundamentos panenteístas da teologia da UDV, tentaremos compreender a União do Vegetal como um sistema religioso e filosófico e demonstrar como a sabedoria popular cabocla está permeada de ideias herméticas e hermenêuticas antigas. Ainda que tenha sido fundado por uma pessoa quase analfabeta, como foi o caso do Mestre Gabriel, os discípulos deste mestre se utilizam do enteógeno Ayahuasca se mostram capazes de desenvolver seus graus de memória para recordar detalhes desde a infância até as vidas passadas, ou seja, desdobrando-se como parte de uma concepção cristã de uma forma de espiritismo. Estes são conhecimentos bem semelhante ao que Pitágoras, Sócrates e até mesmo dos pressupostos teológicos de Santo Agostinho. Logo, tentaremos abordar uma visão geral do aspecto ritual da UDV, bem como uma visão mais crítica dos princípios que fazem esta sociedade se estabelecer como a maior religião hoasqueira brasileira com dezenas de milhares de adeptos. Nos utilizaremos de uma metodologia baseada em revisões bibliográficas, bem como de uma análise de uma história oral de como os ensinamentos conseguem

ser preservados e fiéis a doutrina do Mestre Gabriel que por fim, serão contextualizados numa perspectiva hermenêutica da religiosidade hoasqueira.

PALAVRAS-CHAVE: Hoasca, Simbologias, Cosmologia, Epistemologia, Ética.

ABSTRACT:

Ayahuasca religions such as Santo Daime, Barquinha and União do Vegetal are considered legitimately Brazilian because they syncretize Christian, Spiritist and Afro-descendant elements. We intend to establish a reflection that begins with a udvist cosmology, goes through ethical, epistemological elements and arrives at a philosophy of language with panentheistic foundations of the theology of the UDV, we will try to understand the União do Vegetal as a religious and philosophical system and demonstrate how the caboclo popular wisdom is permeated by ancient hermetic and hermeneutic ideas. Although it was founded by an almost illiterate person, as was the case of Mestre Gabriel, the disciples of this master using the entheogen Ayahuasca are able to develop their memory degrees to remember details from childhood to past lives, that is, unfolding as part of a Christian conception of a form of spiritism. This knowledge is very similar to that of Pythagoras, Socrates, and even the theological presuppositions of St. Augustine. Therefore, we will try to approach an overview of the ritual aspect of the UDV, as well as a more critical view of the principles that make this society establish itself as the largest Brazilian hoasqueira religion with tens of thousands of adherents. We will use a methodology based on bibliographic reviews, as well as an analysis of an oral history of how the teachings can be preserved and faithful to the doctrine of Mestre Gabriel, which will finally be contextualized in a hermeneutic perspective of Hoasqueira religiosity.

KEYWORDS: Hoasca, Symbologies, Cosmology, Epistemology, Ethics.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A interpretação do fenômeno depende do ponto de vista. Para os místicos em busca da transcendência, a Hoasca abre as portas da percepção para espíritos e mundos extracorpóreos. Para os materialistas, ela permite acessar, animar e navegar o vasto oceano do inconsciente, essa coleção absolutamente individual de memórias adquiridas durante a vida e de todas as suas combinações possíveis. Psiconauta ácido e cético ou sacerdote divinamente conectado, o fato é que o bebedor do chá empreende uma travessia corajosa para dentro de si. Para ver além, fecha os olhos ... e vê. Ensina-se na UDV que o Vegetal, dissociado da doutrina e dos ensinamentos, não proporciona conhecimento espiritual. O chá é um veículo; a doutrina e os ensinamentos, o roteiro. O Mestre é o Guia. (Fabiano, 2012, p. 147)

Para contextualizar a presente pesquisa dentro do dossiê “Filosofia psicodélica”, consideremos interessante fazer uma aproximação e explicação na qual o termo psicodélico é uma expressão que aparece pela primeira vez na literatura científica em meados dos anos de 1950, nas linhas da correspondência do psiquiatra britânico. Um novo conceito que serve para descrever os efeitos de uma certa classe de drogas e mesmo plantas, as quais se acreditava serem usadas para tratar as patologias da alma, como depressão, ansiedade, toxicodependência e estresse pós-traumático, e que nos dias atuais ganhou cada vez mais forma e significado (Hofmann, 1999; Shulgin, 1999).

Os psicodélicos então eram utilizados como potencial criativo da natureza humana, bem como para examinar com mais profundidade as principais questões da filosofia, sociais, filosóficas e religiosas, e isso está muito presente nas nossas relações humanas. Psicodelia significa, em sua radical e substancial definição, manifestação da alma, da mente ou da consciência. É aqui talvez que começamos a aproximar da bebida chamada Ayahuasca, ou cipó das almas, justamente um chá misterioso que faz com aqueles que o utilizam não uma viagem necessariamente psicodélica, mas uma viagem de conhecimento do espírito. O conceito de alma aparece em todos os períodos da história do pensamento: entre os antigos com a psique em Platão de Atenas e a anima em Plotino do Egito. E isso dentro da filosofia psicodélica ganha maior notoriedade e formas.

A visão psicodélica permite-se alcançar uma nova experiência mística da antiguidade com o moderno, do arcaico como o tecnológico. Desse modo, isso ocorre por meio de várias chaves químicas, que por sua vez, pode levar a reflexões filosóficas de caráter estético, fenomenológico, ético e metafísico, muito úteis atualmente.

O espírito da filosofia psicodélica (Grof, 1998; Lilly, 2006; Rajput, 2013; Malla, 2023) é repleto de tradições de sabedoria do mundo, sejam estas orientais ou ocidentais, como uma forma de experiência para a resolução de problemas da vida cotidiana. Os elementos históricos e culturais da discussão de uma filosofia psicodélica são de suma importância para se construir uma compreensão de mundo e de si mesmo. Hughes, (2022, p. 20) as atividades de natureza holística como yoga, meditação, silêncio, isolamento, oração, jejum, privação sensorial, visualização ativa, caminhada contemplativa, criação artística, são parte do universo da filosofia psicodélica, e que são classificadas como hábitos para uma vida saudável.

Nesse sentido das tradições religiosas, em 1971, uma reportagem da Revista *O Cruzeiro* uma reportagem intitulada *Aiosca o LSD da Amazônia* “deve ser entendida dentro do clima existente com relação à ayahuasca no final dos anos sessenta, no contexto do movimento contracultural e da presença crescente da polícia na Amazônia durante o governo militar no Brasil” (Labate, Anderson e Meyer, 2009,

p. 1). Tal reportagem reproduzia uma série de preconceitos, e é justamente a respeito dessa desconstrução que iremos iniciar a nossa contextualização a respeito da União do Vegetal (UDV) e o uso do psicoativo Hoasca.

Fundada pelo Mestre Gabriel, um baiano que foi a Amazônia através do exército da borracha em busca de um grande tesouro. A União de Vegetal foi (re)criada em 22 de Julho de 1961 em Porto Velho – RO. É importante frisar que a Mestre Pequenina, esposa do mestre Gabriel, pensava antes desse fato, quando ainda viviam no seringal, sem ter encontrado com o vegetal, que esse tesouro era uma grande riqueza, entretanto esse tesouro era o próprio vegetal, bebida que faz com que o ser humano seja capaz de mirar e viajar a lugares que são verdadeiros encantos do imaginário.

Podemos considerar a União do Vegetal como uma religião social, não é uma seita, pois é discreta e aberta, ao mesmo tempo, por meio de um conceito de “estilo não diretivo, espontâneo, típico de abordagem panteísta, facilita o decurso dos diálogos” (Barbier. 2009, p. 234). É uma religião nascida no seio familiar do Mestre Gabriel, por isso, pode ser considerada também como um exemplo de religião doméstica, tais como as religiões afrodescendentes (que inclusive, o Mestre Gabriel frequentou, tanto quando viveu em Salvador, assim como quando frequentou o terreiro de Chica Macaxeira, onde incorporava a entidade Sultão das Matas). Religiões domésticas nascem em contextos familiares e não tem perspectivas necessariamente catequistas (ainda que exista uma doutrina), ao mesmo tempo que o termo doméstico designa também algo cativado, domesticado. O objetivo da UDV é ser uma religião voltada para a evolução humana, e, pela palavra do fundador, dominar o mundo pela paz.

Adentrando então nesses conhecimentos iremos agora questionar inicialmente as ideias filosóficas presentes na doutrina da UDV, em seus sentidos cosmológicos, epistemológicos, éticos e hermenêuticos.

1- Cosmologia e cosmogonia

As bases míticas de uma determinada religião, podem ser medida pelos seus ritos. Nisso, a maioria das religiões baseiam suas cosmogonias na diferença entre uma causalidade natural e divina. Nesse sentido, a UDV concebe que existem duas naturezas, a natureza feminina e a masculina, e que essas naturezas operam sob a influência de duas forças, a inferior e a superior. Tal concepção teísta se torna panenteísta na medida em que tal natureza se mostra não só como a totalidade da soma de todas as coisas e sua potencialidade sagrada, mas assim como também do fato de que Deus é ainda maior do que todas as somas das coisas. O filósofo Spinoza considerava que essa questão do uno e do múltiplo, da União de

tudo em Deus, basicamente se reflete no que ele concebia como a natureza naturante e a natureza naturada, que são respectivamente Deus e a derivação de todas as coisas que dele se multiplicaram.

Dentro de uma perspectiva cosmológica, o vegetal é uma bebida feita da união de duas plantas: o mariri e a chacrona. Mestre José Gabriel da Costa fundou essa sociedade, a União do Vegetal, acessando os mistérios da natureza através dessa bebida. Numa perspectiva filosófica resgatou princípios tais como o conhecimento dialético (talvez tanto no sentido de um dialeto caboclo, como veremos mais à frente, ou como numa dialética que sintetiza as duas plantas em uma bebida).

Assim, podemos dizer que a UDV é a religião que traz a história desse mistério da natureza, tendo como base dos seus ensinamentos a História da Hoasca, uma narrativa que serve como base para a explicação de todos os fundamentos da religião. Tal história basicamente conta a origem desse chá “Hoasca” (sinônimo de ayahuasca, mas que também significa o nome de uma entidade/espírito sintetizado na união das duas plantas; mariri, o cipó banisteriopsis caapi e a chacrona, as folhas da planta *Psychotria viridis*) que já era bebida pelos indígenas, mas que foi resgatada em sua origem pelo Mestre Gabriel ao contar esta história por ele recordada.

Hoasca, a essência feminina do chá, representada pela planta Chacrona representa um espírito puro, uma conselheira do rei, do mestre e assim também de nós mesmos. A Hoasca representa o imaginário dos encantos na medida que os ensinamentos são representados pelo Mestre. A história da Hoasca tem um caráter central então na UDV, tanto que para se tornar mestre, uma das condições é saber contar a história em seus mínimos detalhes. Nas regiões das florestas e dos seringais, algumas das outras condições eram também saber reconhecer o mariri e a chacrona no meio da floresta, e, atualmente no meio urbano, ser casado com uma esposa também seguidora da UDV. O fato mais filosófico é justamente que a História da Hoasca é que ela representa o conhecimento das coisas, Hoasca é o próprio conhecimento de si e da natureza, o que é considerado na UDV como a ciência divina, ou a ciência de Salomão.

2. Gnosiologia e Epistemologia

Podemos dizer que a UDV trata-se de uma religião baseada na recordação das vidas anteriores do Mestre, pela História da Hoasca se explica essas reencarnações do Mestre Gabriel em ser o primeiro hoasqueiro, nesse sentido temos a seguir a reminiscência como uma das bases epistemológicas da religião e vamos com ela comparar seus conceitos com ideias de antigos filósofos.

A respeito da memória fazendo um paralelo com célebres filósofos tais como Santo Agostinho, que entendia que a reminiscência se mostra quando encontramos algo na memória que parecíamos ter esquecido, mas que ainda não esquecemos completamente. Existe assim, sob a luz filosófica da Hoasca, uma rememoração sensitiva e intelectual. O espírito recorda de si mesmo, enquanto Deus dentro da nossa memória permanece imutável.

A força do recordar é grande, é a potência do próprio espírito. Santo Agostinho (2006, p. 220) entende que o encontro com Deus é saber guardá-lo na memória, e diz:

E não se limita a isto a imensa capacidade da minha memória. Ali estão como em um lugar recôndito, que aliás, não é um lugar, todas as noções apreendidas das artes liberais, pelo menos as que ainda não esqueci. Mas, neste caso, não são as imagens delas que trado em mim, mas próprias realidades em si.

Segundo o Mestre Gabriel, a memória é a medida de validade da graduação, uma pessoa na UDV atinge os graus hierárquicos através do Grau de Memória, logo, a pessoa mais desenvolvida espiritualmente é capaz de lembrar até de suas vidas anteriores, como é o caso do Mestre que era considerado um recordado.

Pois o Mestre Gabriel, ao beber o Vegetal, teria se recordado de suas outras vidas e encarnações e, conseqüentemente, de todo seu aprendizado anterior com esta bebida. Segundo a lógica destes religiosos, a tendência é que quanto maior for o grau de memória maior também será o conhecimento e grau espiritual de uma pessoa. (Labate, 2008, p. 191).

Na Grécia era comum principalmente numa das correntes filosóficas mais antigas, a pitagórica, a crença na reencarnação ou metempsicose (transmigração das almas), que permaneceu durante os primeiros séculos do cristianismo, e foi tolerada até 533, data do Concílio de Constantinopla, onde a reencarnação foi definitivamente abolida da doutrina católica.

Dizem que os grandes mestres da humanidade que nada escreveram, Pitágoras, Buda, Sócrates, Jesus deixaram uma grande responsabilidade dos seus discípulos perpassar o que seus mestres ensinavam. Assim também é a doutrina do Mestre Gabriel, passada de boca para ouvido, tendo deixado graças a tecnologia algumas gravações como a da própria História da Hoasca. Essas gravações são cuidadosamente examinadas sob o efeito da burracheira (efeito da bebida conhecida como vegetal), e por elas, a doutrina da União do Vegetal é então baseada na voz proferida, na palavra do Mestre ou aquele que está em sua representação, o Mestre Representante ou Dirigente de uma sessão.

Algo que também nos remete a um aspecto epistemológico é a concepção cíclica do tempo na UDV. Semelhante também ao que:

Diz-nos, por exemplo, que os pitagóricos professavam a crença, o dogma do eterno retorno, que Nietzsche descobriu muito tardiamente. Ou seja, a idéia do tempo cíclico,

que foi refutado por Santo Agostinho em "Cidade de Deus". Santo Agostinho diz como uma bela metáfora que a cruz de Cristo nos salva do labirinto circular dos estóicos. (Borges, 1999, p. 6) .

É interessante a idéia do tempo na UDV tem também uma complexidade sintética dessas duas vertentes originárias: o tempo cíclico e o tempo linear, que distingue fundamentalmente os dois paradigmas predominantes da cultura ocidental: cristãos e gregos. Na bíblia o a linearidade do tempo tem um princípio (genêsis) e um fim (apocalipse), a doutrina da União do Vegetal por ser cristã segue esta linearidade, apesar de ter uma visão otimista do fim dos tempos. Entretanto, a UDV também aborda este aspecto cíclico em histórias contadas durante as sessões, como a própria História da Hoasca, em que os discípulos fazem perguntas ao Mestre Dirigente a cada vez que a história é contada novamente. Há nisso um tempo cíclico de eterno retorno ao mesmo, e na UDV nota-se então o tempo da natureza que é mágico e se sente no “tempo de burracheira”, e o tempo do relógio que é um guia, principalmente para a pontualidade da sessão que é iniciada as 8 horas e tem sua força despedida à meia noite.

Temos aí vários conceitos de uma grande profundidade conjugados, mas que basicamente questionam o eterno retorno enquanto uma possibilidade infinita de retorno a encarnações. Tal qual o labirinto (Rocha, 2022) circular que refere aos estóicos passa por um determinismo no qual é impossível fugir do destino, e, tampouco, em oposição através do salvacionismo cristão, segundo Santo Agostinho, é impossível fugir desse eterno ciclo.

Essa é uma das características da ciência divina hoasqueira, saber escutar para memorizar, perguntar para saber usar o conhecimento corretamente. O que é diferente da curiosidade, que é chamar e criar forças na Hoasca, sem conhecer a origem da força, o que implica numa crítica udvistas aos critérios e aspectos éticos de outras religiões e do uso do Chá.

A “ciência” a qual se referem estes religiosos, no entanto, difere da ciência moderna contemporânea. Trata-se, como se explica, de uma “ciência sagrada”, cujo objetivo principal é ensinar aos homens os meios pelos quais eles podem se “re-ligar a Deus” (Milanez 1993, p. 92-5).

A curiosidade seria a concepção de que este chá, Hoasca, é um cinema dos índios, psicodélico, alucinógeno, na verdade, a UDV delimita o chá como um enteógeno, uma substância que está também em *Theos* (Deus), e por isso deve ser sagrada e comungada.

3. Ética

De certa forma, ao falar de ética podemos nos lembrar de Sócrates que com suas perguntas dizia “saber que nada sabe”, o Mestre Gabriel demonstrava essa atitude dizendo que muitas coisas não sabia,

mas sabia quem sabia de tudo. Logo, se Sócrates ouvia um “daimon”, outras religiões espíritas hoasqueiras se baseiam no “daime” para receber os ensinamentos do astral.

Através da obediência os segredos e ensinamentos são revelados ao discípulo, que os deve manter em sigilo. Vê-se aí uma grande semelhança com sociedades secretas como a maçonaria, que tem suas raízes diretamente ligadas ao hermetismo egípcio.

A ciência é entendida como o conhecimento “verdadeiro”, e se opõe à noção de “curiosidade”, que está ligada a um conhecimento especulativo, falso e intrinsecamente “mau”. Alcançar os princípios elementares desta ciência e atingir a sabedoria “verdadeira” é, também, um dos objetivos mais importantes dos rituais da União do Vegetal. Nesse aspecto, podemos estabelecer uma relação entre as crenças e práticas da UDV e a maçonaria. Em ambas valoriza-se o ato de desvendar mistérios, bem como a existência de uma língua restrita a iniciados, e a “ciência” ou “saber verdadeiro” são alcançados justamente ao decifrar-se este idioma secreto. Aliás, o rei Salomão é, como lembramos anteriormente, um personagem importante no universo maçom. (Labate, 2008, p. 86)

Ora, de certa forma, a “curiosidade” é considerada como a falta da ética da obediência, a desobediência desse e de outros aspectos sigilosos é muitas vezes comparada a “infidelidade”. Hoje, um dos maiores problemas do desencanto hoasqueiro é que seus ensinamentos vêm sendo divulgados pela internet em sites como *youtube* e etc. São assim os mestres da curiosidade aqueles que bebem da ciência, mas não aceitam sua ordem, querem saber de tudo, mas tampouco sabem de nada, não respeitam os degraus da paciência e da obediência para se chegar à ciência.

Os ensinamentos da União do Vegetal se baseiam na obediência e sigilo. Tanto que um dos lemas que são vestidos numa faixa junto ao uniforme dos Mestres Assistentes é “UDV é OBDC”, letras que trazem um segredo que somente os Mestres Representantes conhecem, mas que demonstram também um caráter positivista da religião.

A filósofa, Marilena Chauí fala então de um caráter deontológico dessa relação entre o dever de obedecer e praticar, e a UDV, como o nome já diz, é uma religião baseada fundamentalmente no dever.

A razão prática faz a si mesma daquilo que ela própria criou é o dever. Este, portanto, longe de ser uma imposição externa feita à nossa vontade e à nossa consciência, é a expressão da lei moral em nós, manifestação mais alta da humanidade em nós. Obedecê-lo é obedecer a si mesmo. Por dever, damos a nós mesmos os valores, os fins e as leis de nossa ação moral e por isso somos autônomos. (Chauí, 2000, p. 171)

A maior base ética da UDV é praticar o que se fala, os mestres devem então ser espelhos para os discípulos, um modelo exemplar, tanto que são consideradas infrações graves de um mestre sujeitas até a perder o grau: a infidelidade, fumar, beber etc. Na UDV pode até existir interpretações diferentes da Palavra do Mestre, mas o direcionamento ético maior é contra as contradições morais.

A ética udevista, como no conceito de domesticação do sagrado (Bastide 1975), não abre mão da magia e do êxtase, englobando-os como formas de equilibrar diferenças e equacionar ideias ou forças úteis à comunicação religiosa em seu meio social de expansão, a classe média. (Melo, 2011, p. 20)

O questionamento da força de controle e domesticação de uma religião sincrética e uma não sincrética partilha muitas postulações diferentes e contraditórias. O enfraquecimento do controle religioso, pela lenta perda dos mitos originais e a mistura de religiões, é fruto do controle da sociedade global pela sequência de profundas mudanças desta sociedade atual. Com a passagem de uma sociedade rural e pré-industrial a uma sociedade urbana, industrializada, tecnológica e virtual, a UDV busca preservar os valores morais, e até mesmo representar uma ética das virtudes (MacIntyre, 2001) por meio do conhecimento da maestria dos valores morais praticados em retidão.

Indo mais a frente no sentido filosófico, vemos talvez na UDV uma religião quase aos moldes positivistas de Comte, já que para este é o Amor por princípio, Ordem por base e Progresso e por fim. O símbolo da UDV é justamente Luz, Paz e amor. Sendo que se na sua religião positivista ao invés de serem cultuados santos católicos, seriam celebrados os grandes pensadores tais como Platão, Aristóteles, etc. Na UDV se celebram as datas cristãs e católicas como o São João, Natal, mas além disso, se celebra o aniversário do Mestre Gabriel, o dia da Recriação, da Confirmação da União do Astral Superior e o dia da Ressureição do Mestre.

Conta-se um relato quando o Mestre Florêncio bebeu o vegetal pela primeira vez com o Mestre Gabriel esta pergunta o que Florêncio viu e este diz ao mestre que só viu a bandeira do Brasil com Ordem e Progresso. Foi quando o Mestre diz que ordem e progresso já é muita coisa. E por estes motivos a bandeira do Brasil, junto com a bandeira a qual o estado pertence e a bandeira da UDV são hasteadas junto com a cantoria do hino da União do Vegetal nessas sessões festivas.

4. SINCRETISMOS FILOSÓFICOS: O AUTO-ESPIRITISMO

O ‘alto/auto espiritismo’ se afirma em oposição ao ‘baixo espiritismo’, ao mesmo tempo em que recorre à identificação com um espiritismo interiorizado, propiciador do autoconhecimento. O mais importante, segundo a orientação autocentrada do Mestre, e enfatizada na doutrina da União do Vegetal, é o contato consigo, ‘ter a ciência de si’” (Melo, 2011, p. 147)

Apesar de haver muitas semelhanças entre os pensamentos da filosofia antiga e moderna, existe por parte dos discípulos da união uma visão contraditória em que tanto existe esse reconhecimento, como existe o repúdio principalmente a certas ideias de que Sócrates ou Aristóteles tenha sido possivelmente

uma das aproximadamente reencarnações que o Mestre Gabriel diz ter se recordado. De fato, o Mestre contou algumas de suas encarnações, até ligadas a mitos gregos, mas não especificamente a filosofia de Sócrates.

Ainda assim, há uma semelhança notável com a filosofia positivista de Auguste Comte, como talvez se demonstrava na mentalidade da época em que a religião foi fundada, dia 22 de Julho de 1961. Fatores como o uso de uniformes são presentes também na religião do Santo Daime, mas na UDV o caráter positivista está representado num tipo de idealismo que se assemelha nos símbolos da Luz, Paz e Amor e na Ordem, amor e progresso positivista (Comte, 1912, p. 43).

Uma religião da humanidade que domine o mundo pela paz é o intento do Mestre Gabriel, que profetisa que no futuro não haverá nem mais exércitos nem polícia, pois todos serão domesticados e responsáveis por aquilo que cativam.

Melo (2011), ao estudar o transe nas religiões ayahuasqueiras conjuga os conceitos de *alto* espiritismo, que basicamente numa visão espírita nobre, e o *auto*-espiritismo, termo mais adequado ao contexto udvista, consistindo numa forma cabocla de autoconhecimento empírico. Uma maneira comum entre autóctones no processo de descoberta de conhecimentos de cura e conhecimento. Nessa medida dentro do seu meio ambiente realizam-se e encontram-se em um “estado de união místico [...], desvendando o estado-de-ser¹ como é, a sua realidade profunda” (Barbier. 2009, p. 85). Logo, esse auto-espiritismo é uma psicologia de si mesmo, algo comum na filosofia socrática do daimónion². Essa voz verbal que dava luz as dúvidas de Sócrates, traz um foco em nossa análise de perspectiva lingüística e cosmológica.

Pois o Mestre Gabriel, ao beber o Vegetal, teria se recordado de suas outras vidas e encarnações e, conseqüentemente, de todo seu aprendizado anterior com esta bebida. Segundo a lógica destes religiosos, a tendência é que quanto maior for o grau de memória maior também será o conhecimento e grau espiritual de uma pessoa. (Goulart, 2008, p. 191).

Assim, como é contado na História da Hoasca que até o Rei Salomão estudou de si para chegar a ser o autor de toda a ciência. Vemos então a continuidade popular de todas essas ideias antigas e

¹ Compreendendo que “percebo a intuição como sendo uma conversa criativa do estado-de-ser com seu próprio gênio” (Barbier, 2009, p. 67)

² “Daimónion, ou gênio, eu solar, eldorado; criatividade em manifestação, no aqui agora, no dia-a-dia. Uma aspiração sincera trará atos magistrais” (Ibid, p. 184)

modernas sendo recriadas no imaginário religioso e trazendo consigo novas filosofias do senso-comum, folclóricas, racionais que demonstram que religião e filosofia ainda continuarão ligadas aos eternos encantamentos das culturas da humanidade.

Dessa forma, apesar da UDV poder ser classificada como uma religião predominantemente solar, já que considera o sol o próprio astral superior e o *Telos*. A terra, para eles, é o inferno, pois é o espaço que o ser humano tem para evoluir. A terra é diferente do princípio feminino animista da natureza no qual encontramos uma chave para a problematização panenteísta da UDV, compreendendo justamente como a volta ao Uno, o Sol, o Teísmo é assim essa ascense no caminho do Mestre em direção a Deus, por permanecer na ideia cristã e salvacionista, ideias como a salvação e o pecado continuam presentes na ética udvista.

A realização vem do retorno ao Uno, que notadamente na UDV é masculino, ainda que Deus seja para essa religião, masculino e feminino, o próprio processo de evolução que vai do feminino ao masculino. Aí que entra boa parte da crítica ao udvismo.

Diferente das religiões de matrizes africanas, notadamente matriarcais, da qual o mestre fez parte chegando até mesmo depois ter encontrado o vegetal ter continuado por volta de dois anos a realizar sessões de vegetal e de “macumba”, onde incorporava principalmente a entidade de cura Sultão das Matas e eventualmente Truveseiro e Flor d’aurora. A UDV predominantemente patriarcal, não num sentido hereditário, mas sim no processo de poder doutrinário. O interessante é que num sentido político são os conselhos e encantos femininos que cativam, transformam e trazem as pessoas em situação de vícios para a religiosidade udvista. Mas é a doutrina masculina que se responsabiliza pelo dogma religioso, chegando a considerar a mulher talvez como um ser menos evoluído, já que as mulheres, com exceção da Mestre Pequenina, não chegam ao grau de mestre, chegando no grau máximo de conselheiras. Uma defesa em relação a esse ponto de vista é justamente que a História é da “Hoasca”, uma mulher protagonista de toda a cosmologia da religião. E, de fato, a UDV atribui um aspecto divino também as mulheres/mães como Eva, Maria, e, ainda além, outras entidades femininas que se manifestam sob o imaginário do mundo de Hoasca.

5. COSMOLINGUÍSTICA CABOCLA: UMA POSSIBILIDADE HERMENÊUTICA

Podemos perceber anteriormente como a UDV tem uma relação profunda com o mito, assim como linguagem como é contada a mitologia tem de um ponto de vista ético e estético, tem uma importância fundamental para a propagação da religião. Tanto que mesmo em outros países, a liturgia da

religião continua sendo apresentada na língua portuguesa, tanto que os discípulos estrangeiros tem que aprender a língua portuguesa para acessar os segredos mais profundos.

Refletimos até então a respeito da cosmovisão e a problemática filosófica da UDV e queremos através da linguagem chegar a uma condição de possibilidade semelhante de também entender esse fenômeno religioso. Ou seja, será que os mistérios das palavras podem nos levar além de um panenteísmo (Krause, 1904)? Usamos então desse neologismo conceitual, cosmolinguística para designar a propriedade com qual a linguagem cabocla conseguiu chegar ao conhecimento das coisas metafísicas pelos mistérios das palavras.

Os chamados mistérios das palavras, eram uma prática comum do mestre Gabriel e alguns de seus discípulos, é uma habilidade poética de encontrar respostas as perguntas nas próprias palavras com que foram perguntadas. Por exemplo, um paradoxo complexo filosófico como o do ser e o do devir na UDV pode se expressar simplesmente na resposta a pergunta: o que é o servir? É o vir-a-ser, servindo a gente vem a ser. Este tipo de prática pode funcionar muitas vezes como explicações racionais no âmbito do transe hoasqueiro, mas a princípio pode ser bem problemática se baseada na fórmula da qual toda forma da palavra resulta num conteúdo. Nesse sentido, se os mestres dizem que nem toda a palavra tem um mistério, a não ser aquelas originadas antes da língua geral, anterior a Torre de Babel, se a pessoa ficar procurando pode até encontrar mistério onde na verdade não existe um sentido maior. Os udvistas consideram que a língua cabocla, derivada de um português mais simples e coloquial é a manifestação mais próxima dessa língua primeira.

Na UDV é interessante perceber que a escola dos mistérios das palavras pode chegar a uma espécie de metalinguagem ao ponto de que se nos perguntarmos qual o mistério da palavra mistério ou o segredo da palavra segredo? Estaremos chegando a uma reflexão semelhante a uma anedota zenbudista³ que conclui que esse tipo de pergunta levaria as coisas a deixar de ter segredos ou mistérios. Mas podemos nos arriscar a dizer que o mistério é o que vem primeiro e que tem raiz e forma semelhante ao *maister*, ou seja, o mestre? O mestre é o gênio caboclo da interpretação.

3 “Cuenta una leyenda que Epiménides el cretense (un filósofo y poeta incluido en alguna de las listas de los siete sabios de Grecia y que también debería estar incluido en la lista de los siete durmientes, pues según Plutarco pasó cincuenta años seguidos durmiendo, aunque otros dicen que se queda corto y que fueron cincuenta y siete) viajó a la India y le preguntó a Buda: ¿Sabrías decirme cuál es la mejor pregunta que puede hacerse y cuál es la mejor respuesta que puede darse? Y Buda le contestó: La mejor pregunta que puede hacerse es la que tú acabas de hacer y la mejor respuesta que puede darse es la que yo te estoy dando. (Calero, 2007, p. 48)

Foucault (1995, p. 49) dizia que

As línguas foram separadas umas das outras e se tornam incompatíveis, somente na medida em que antes se apagou essa semelhança com as coisas que havia sido a primeira razão de ser da linguagem. Todas as línguas que conhecemos, só as falamos agora com base nessa similitude perdida e no espaço por ela deixado vazio. Só há uma língua que guarda sua memória, porque deriva diretamente desse primeiro vocábulo agora esquecido;

Consequentemente Foucault assevera que o esoterismo é uma consequência disso, já que a maneira como a natureza se fragmentou nas línguas se dá na forma que os esotéricos descobrem as decifram os códigos de uma transparência primeira. Diferente da gramática que demonstra as propriedades das frases do dia-a-dia.

Foucault encontrou um princípio interessante entre esse aspecto masculino e feminino quando diz que a escrita é o “intelecto agente, o princípio macho da linguagem. Somente ela detém a verdade” (Foucault. 1995, p. 53). Dessa forma, o vocábulo udivista vê a verdade de uma forma mais natural, consequentemente feminina, por ser predominantemente oral.

Mas essa verdade é oral e naturalmente informal, só que enquanto institucionalizada se torna forma, tendo como base um certo “ao pé da letra” do que é formal e consequentemente hermético aos iniciados. Naturalmente chegamos então a uma essência contestatória do problema hermenêutico (Ricoeur, 1988) do qual o mestre, através da própria linguagem, pode proporcionar ao Ser e o Devir que se unem ao um, demonstrando aí que toda união é essa possibilidade de uma multiplicidade interpretativas de entendimentos e de compreensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas histórias, na mitologia, nas chamadas, na moral da UDV, percebemos uma mentalidade típica daquele contexto, que parece se assimilar ao pensamento “concreto” registrado por Lévi-Strauss (1989-a) em sociedades tradicionais, o qual se caracteriza por classificações e associações baseadas em aspectos sensíveis, relacionadas ao meio ambiente físico. O significado de elementos cosmológicos e de palavras e expressões é explicado, na UDV, a partir de lógicas similares. (Goulart, 2004, p. 87)

Os mitos enquanto modos de organização, observação e refletem meios que de trabalho com materiais fragmentários já elaborados, “pré- transmitidos”, que montam um processo análogo à colagem

artesanal. A História da Hoasca tem fatores semelhantes a mitologias indígenas das quais as pessoas se transformam em plantas, ou seja, o processo de se encantar, presente também em religiões afro-brasileiras.

A concepção udvista da dualidade entre urbes e florestal é a de que nos seringais se encontravam os mestres da curiosidade⁴, seringueiros que faziam uso do vegetal, mas não tinham conhecimento de nada. O mestre Gabriel se utiliza então da força da burracheira⁵ da bebida e a leva para os centros urbanos dentro de um contexto religioso e expansionista. Ainda assim, a UDV procura preservar a sabedoria cabocla dos seringueiros, já que o próprio mestre fundador da religião também foi um, logo, a cosmovisão da religião é composta pelo sincretismo e miscigenação das culturas étnicas indígenas, negras e brancas.

Respeitando situações políticas e civilizatórias, no Brasil, sob a égide da língua portuguesa as culturas se sincretizam do ponto de vista religioso com uma equivalência entre santos e orixás, simbolizando grandes arquétipos da consciência humana. E nesse sentido o vocábulo udevista num patamar mais humano falará de histórias de Reis (luz) e Príncipes (princípios) associando-os principalmente a espíritos materializados em plantas. Entre etnias indígenas e africanos era comum mitos com essa concepção de seres que se materializavam em plantas, insetos, animais. Vê-se aí também uma vontade de nobreza novamente, algo semelhante também nas religiões afrodescendentes, que mesmo estando entre as camadas sociais mais pobres, elegem reis entre suas comunidades étnicas nas suas festividades.

Pensamos enfim que o panenteísmo udevista como o aspecto teológico e filosófico no qual, da mesma forma que a oralidade segue o princípio feminino, a escrita e a instituição seguem o princípio masculino. Se a união é no mínimo o equilíbrio entre estes dois princípios, assim também vemos que no processo de transição entre floresta e urbes, a UDV se tornou uma religião mais hermética (Egito, 2022) e menos hermenêutica. Cada vez mais o rigor e a devoção / doação dos discípulos, acaba encobrindo os mistérios e restringindo os segredos, que antes, na época do Mestre Gabriel, tendiam a ser mais abertos e acessíveis. O que acaba sendo mais uma vez uma prova de Fé e obediência dos discípulos da UDV, a UDV acaba com um *telos* de um poder resguardado na representação de ser Mestre também, para se tornar um detentor e guardião desse saber e zelar por ele tal como o Rei Inca fez com Hoasca. O que me parece contraditório muitas vezes nessa Fé cega dos iniciados, é justamente a relação entre luz e sombra, ou seja, a lei que é a luz deve ser aceita, e os iniciados na doutrina ignoram ou mesmo encobrem suas

⁴ Caboclos seringueiros que descobriram com os índios a bebida. A palavra curiosidade para o contexto udvista se refere a todo aquele que não bebe o chá na união, logo é uma categoria que inclui daimistas, índios, etc.

⁵ Nome dado pelos udvistas ao efeito da bebida que provavelmente pode ter a ver com a palavra espanhola Borracho, embriagado, apesar dessa explicação ser negada na UDV.

sombras para se manterem no grau. É justamente que a obediência para eles está acima do dever, ou seja, podemos constatar que uma inversão na qual podemos de certa forma invertida e parafraseada da fórmula “Obdc é a UDV”. Logo, meditar na profundidade do dever é mais do que punir os discípulos que pensam diferente (como houve de forma inescrupulosa durante as eleições bolsonaristas). Essa é, entre outras palavras, a base de uma estrutura piramidal (Derrida, 1972) do poder, que de certa forma deixa em segundo plano também o hermetismo da esfinge. Assim, pelo menos de certa feita nietzscheana, provavelmente se o Mestre Gabriel voltasse a reencarnar, estaria ele sujeito também a ser afastado dentro deste tipo de ordem baseada estritamente no poder.⁶⁷

⁶ Segundo Jung, a tendência psíquica do ser humano é tentar rejeitar a sua sombra, em prol da luz, a UDV em sua primeira chamada de abertura da sessão fala a respeito da relação entre sombra e luz, “a sombra vem pela Luz”, e que a luz deve clarear a sombra. Contudo, o que se vê numa psicanálise do fenômeno religioso udvista é que uma grande maioria dos mestres acabam caindo por conta de traições, infidelidades, ou seja, por conta de uma sombra rejeitada e uma aparente luz sem sombra. (Jung, 1981, Durand, 1985)

⁷ Tal episódio se desdobrou em algumas polêmicas dentre as quais um dos mestres mais antigos, mestre Monteiro, participou de atos golpistas e ainda chegou a fazer doutrinações políticas durante uma(s) sessões. Enquanto isso, alguns discípulos que denunciaram essa situação foram punidos, nada foi feito contra o mestre, além de pedirem que o mesmo escrevesse uma carta explicativa.

6. Referências

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.
- BARBIER, Régis. **Panteísmo: a religiosidade do presente**. Recife: Ed. Livro Rápido. 2009.
- BORGES, Jorge Luís. **Borges Oral e sete noites**. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CALERO, Pedro Gonzalez. **Filosofia para bufones**. Publisher Booket, 2007
- CHAUÍ, Marilena. **Filosofando**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- COMTE, Auguste. **Systeme de politique positive**. Paris: M. Giard & E. Briere, 1912.
- COMTE, A. **Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- DERRIDA, J. O Poço e a Pirâmide. Trad. Rui Magalhães. In: **Hegel e o Pensamento Moderno**. Porto: RÉS Editora, 1972. p.39-107.
- DURAND, Gilbert. « Archétype et mythe ». In ARKOUN, André (Sous la dir. de). **Mythes et croyances du monde entier**, t. V. Paris : Lidis- Brepols, 1985.
- EGITO, José Laércio do. Salomão – Estórias e Ensinos. 2022. Disponível em: <https://z-lib.io/author/Jos%C3%A9%20La%C3%A9rcio%20do%20Egito>
- GORMAN, Peter. **Pitágoras, uma vida**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.
- FABIANO, Ruy. **Mestre Gabriel, o Mensageiro de Deus**. Brasília, Editora Pedra Nova, 2012.
- FOUCAULT. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1995
- GOULART, Sandra. **Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da ayahuasca**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2004.
- GONZÁLEZ CALERO, Pedro. **Filosofia para bufones**, Editorial Ariel, Barcelona, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. **Aion - Estudos sobre o Simbolismo do Si-Mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- KRAUSE, Karl C. F. **Compendio de estética**; traducido del alemán y anotado por Francisco Giner. Madrid: Libreria de V. Suarez, 1883. Disponível em: <
<https://catalog.hathitrust.org/Record/001919972> > Acesso em 15 de Maio de 2024.

KRAUSE, K. **Ideal de la humanidad para la vida**. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1904. Disponível em: < <https://catalog.hathitrust.org/Record/100751647> > Acesso em 9 de Maio de 2024.

KIRK, G. S. et al. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

LABATE, B. c.; ROSE, I. S.; SANTOS, R. G. **Religões Ayahuasqueiras** - um balanço bibliográfico. Campinas: Mercado das Letras/Fapesp, 2008.

LABATE, Beatriz C., Anderson, Brian, & Meyer, Matthew. **O LSD Caboclo: Notas Sobre a Reportagem “Na Selva, um Místico Vende o Sonho” (1968)**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). 2009

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1962.

MACINTYRE, Alasdair. **Depois da Virtude**. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001.

MELO, Rosa. A União do Vegetal e o transe mediúnico no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31 (2): pp. 130-153, 2011.

PLUMPTRE, Constance E. **General Sketch of the History of Pantheism**: Volume 1. London: Samuel Deacon & Co. 1878.

RICOEUR, Paul. **Philosophie de la volonté II. Finitude et culpabilité**. Paris: Aubier, 1988.

ROCHA, Gabriel K. O labirinto imaginário ? trilhas filosóficas numa caminhada bachelardiana. **ARGUMENTOS: REVISTA DE FILOSOFIA (ONLINE)**. v. 14, p. 7-17, 2022. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/78002>> Acesso em 5 de Maio de 2024.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília-DF. Ed. UnB, 1991.



ROCHA, Gabriel Kafure da.; SANTOS, Bruno Freitas. A filosofia na UDV: Imaginários do Panenteísmo, Hermetismo e Hermenêutica. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24035, p. 01-17.

Recebido: 05/2024

Aprovado: 06/2024